

Professores apontam por que ensino está em crise

A análise do acadêmico Afrânio Coutinho e do gramático Celso Cunha sobre a situação do ensino de Língua Portuguesa não difere muito das opiniões dos examinadores das redações do Unificado-87. Na verdade, elas são complementares, com o professor Afrânio Coutinho defendendo a instituição de uma norma culta mais próxima do idioma falado pela população — uma Língua Brasileira — e com o professor Celso Cunha apontando a democratização do acesso à escola como uma das causas da dificuldade do domínio da linguagem.

Para o acadêmico Afrânio Coutinho, a submissão do Brasil na linguagem escrita à norma culta portuguesa — quando o idioma falado no País difere tanto dela — gera bloqueio e desestímulo para os jovens se expressarem em texto. Em sua opinião, eles ficam divididos entre a

língua que utilizam no dia-a-dia e a ensinada pelos professores, e acabam com o raciocínio inibido:

— É claro que junto com isso há o fato de a leitura ter sido abandonada como regra fundamental de aprendizado da língua. Todos sabem que não é a gramática que ensina a escrever, mas sim a leitura dos grandes autores. Eu, entretanto, não tenho dúvida de que essa falta de identificação com a linguagem escrita é determinante na dificuldade de expressão do jovem.

Na opinião do professor Celso Cunha, que integrou em 1985 como Vice-Presidente o grupo de estudos nomeado pelo Governo para apresentar soluções para a melhoria do processo de aprendizagem da língua materna, essa defasagem entre a norma culta e o idioma falado tornou-se ainda maior com o acesso das classes

mais carentes à escola:

— Acho essa democratização do ensino mais do que justa, mas ela ocorreu sem que houvesse um número suficiente de professores para suprir as novas demandas, o que, por sua vez, determinou a proliferação de cursos de Letras mal estruturados. Por outro lado, a antiga metodologia de ensino da língua mostrou-se inadequada para a nova clientela, que chega aos bancos escolares com uma bagagem linguística diferente da trazida pelas crianças de classe média. A escola não se reciclou para absorver essa diferença e o que ocorre é que esse aluno segue diferenciado até a sua formação profissional. Enquanto isso não for modificado lá na primeira série do Primeiro Grau, não sairemos de onde estamos: um contingente muito pequeno de pessoas detendo o domínio da língua.